

'Aceitarei presidir o Congresso, se ajudar Lula'

Jamil Bittar/Reuters

Em entrevista ao "Estado", o ex-presidente José Sarney diz que não tem saudade do poder

CHRISTIANE SAMARCO

Doze anos e 7 meses depois de deixar o Palácio da Alvorada, o ex-presidente e senador José Sarney (PMDB-AP) afirma que nunca sentiu saudades do poder. Do alto de seus 72 anos de idade, 5 deles no comando do País, Sarney avalia que o grande desafio de um chefe de Estado e de governo é lidar o tempo em que preside e os homens desse tempo. E recorre a Venceslau Brás, presidente do Brasil de 1914 a 1918, para fazer a primeira advertência àquele que sair consagrado das urnas deste domingo: "Cuidado com os bajuladores. Venceslau Brás dizia que eles estão sempre chegando."

Embora se recuse a aconselhar o eleito, porque "não se dá conselhos a um presidente da República", o ex-presidente aponta duas qualidades que julga imprescindíveis a qualquer governante em qualquer tempo: paciência e prudência. Ele justifica o voto em Luiz Inácio Lula da Silva, entre outras razões, com o argumento de que, durante a campanha, o petista passou pela mais dura prova para o exercício da Presidência. "Mostrou-se um homem capaz de construir a vitória sem sacrificar a esperança e os interesses do País."

Seja quem for o novo presidente, o cidadão José Sarney diz que torcerá para que o futuro governo dê certo. E ao mesmo tempo em que se declara liberto de todas as tentações e seduções da política, anuncia, pela primeira vez, que aceitará uma tarefa no eventual governo Lula: a de presidir o Congresso. Em entrevista ao Estado, o senador Sarney não hesitou: "Já recusei o convite para presidir o Congresso, mas agora acho que possa prestar um grande serviço ao presidente Lula e ao País."

Estado - O senhor que já passou pela experiência do exercício da Presidência com a difícil tarefa de consolidar a transição democrática, que conselhos daria ao futuro presidente?

José Sarney - Não se dá conselhos a um presidente da República. Ele pede conselhos. E eu acho que toda experiência é uma experiência. Ninguém pode ensinar muita coisa porque cada um vive suas circunstâncias.

Estado - Mas existem mandamentos que valem para quem quer que chegue ao comando do País?

Sarney - Há algumas leis básicas. Qualquer presidente, em qualquer tempo, tem sempre de ter impessoalidade nas decisões. É imperativo que tenha a noção de que, no momento em que se chega à Presidência da República, não se é presidente de nenhum partido, nenhum grupo, nenhuma facção, de nenhuma pessoa. É o presidente do País.

Estado - Que qualidades são cobradas de qualquer presidente no momento em que assume o comando do País?

Sarney - O exercício da Presidência coloca sempre em cheque nossas qualidades de paciência e de prudência. Isso é fundamental sempre e em qualquer tempo.



Sarney, ao receber Lula em sua casa, em agosto, quando lhe declarou apoio: "Quem possui uma biografia como a dele tem uma experiência extraordinária"

Estado - Falam muito da solidão do poder. O que o senhor diria ao novo presidente nesse sentido?

Sarney - Acho que a sensação de solidão do poder é uma imagem de retórica. Na realidade, a solidão é da responsabilidade de quem governa. Todas as decisões de governo são decisões que implicam a responsabilidade do presidente e essa responsabilidade é sempre solitária.

Estado - Mas também se fala muito da solidão que é deixar o poder. No seu caso, como foi a experiência pessoal de passar a faixa presidencial ao sucessor e entrar para a história? O que o sr. teria para dizer ao presidente Fernando Henrique Cardoso?

Sarney - Se há gente que confunde solidão com saudades, eu não posso dar nenhuma opinião, porque nunca senti saudades do poder.

Estado - O senhor diria que a primeira sensação pode ser até de alívio, pela missão cumprida e pela responsabilidade das decisões?

Sarney - A sensação que eu tive não foi de alívio. Foi a certeza de ter encerrado uma etapa da minha vida e ao mesmo tempo de ter cumprido minha responsabilidade com o País.

Estado - O senhor assumiu a Presidência com um partido que tinha características de

frente, abrigava vários grupos e expectativas diversas de poder. O sr. vê alguma semelhança entre o PMDB daquela época, sua legenda, e o PT de hoje, que também tem várias facções?

Sarney - Ninguém na nossa história assumiu o poder diante de tantos transtornos e num momento tão difícil quanto eu assumi. Até o poder presidencial era volátil naquele instante. Eu prefiro olhar o Lula como presidente, e não o PT.

Estado - Como o senhor avalia o comportamento do candidato Luiz Inácio Lula da Silva durante a campanha presidencial?

Sarney - Acho que o Lula prestou um grande serviço ao País nesta sucessão, porque

com esta crise social, com este desemprego, a violência urbana, com o terror que a gente está vendo aí, com a situação que a agitação nacional, se não fosse ele o homem que é, que catalisou as esperanças do povo, assegurou uma sucessão tranqüila, a campanha presidencial teria sido um momento de quase explosão social do País.

Estado - E quais são suas expectativas em relação a um eventual governo Lula?

Sarney - Considero que será um avanço importantíssimo na história do Brasil a presença, na Presidência, de um homem vindo da área do trabalho com a biografia extraordinária de quem foi retirante da seca do Nordeste, operário, metalúrgico.

Estado - O senhor acredita que ter esse perfil à frente do governo federal será bom para o País?

Sarney - É uma coisa extraordinária para o Brasil como País democrático. A mobilidade social, a abertura e igualdade de oportunidade no Brasil que permite que isso ocorra. Fico lembrando que tudo isso começou quando consolidamos a democracia no meu governo e criamos uma sociedade democrática. A partir daquele momento, mudou a relação entre operário e patrão, entre governo e sociedade. Acaaram-se todos os resquícios do arbítrio e iniciou-se o exercício da liberdade que transformou o Brasil na segunda sociedade democrática do mundo ocidental.

Estado - Como intelectual que é, o senhor avalia que a educação formal lhe foi essencial nas decisões que precisou tomar como presidente?

Sarney - A Presidência necessita sempre da capacidade de liderança. Esse é o maior desafio do exercício da Presidência. O presidente tem de liderar o tempo que governa e também ser o líder dos homens desse tempo. Acho que, com isso, a Presidência evidentemente exige do presidente uma experiência de vida que a todo momento lhe é requisitada.

Estado - E isso o senhor acredita que o Lula tem?

Sarney - Claro que tem. Quem possui uma biografia como a dele tem uma experiência extraordinária. Sobre tudo a capacidade de liderança fantástica que sempre teve, desde o caminho que o trouxe do Nordeste até a Presidência.

Estado - Qual é a tentação em que, a seu ver, um presidente não pode cair quando chega ao poder?

Sarney - O Venceslau Brás

já dizia que um dos maiores inimigos de um presidente são os bajuladores.

Estado - A primeira sugestão que o sr. daria ao futuro presidente seria, então, cautela com os bajuladores?

Sarney - O Venceslau Brás dizia cuidado, porque eles sempre estão chegando. Mas o presidente também deve ter espinhos nos ouvidos.

Estado - Como assim? Para filtrar os maus conselhos?

Sarney - Para que as coisas não entrem de uma vez só. Para que sejam digeridas aos poucos, devagar. E é preciso ter dois ouvidos. Um para ouvir os ausentes e outro para ouvir os presentes.

Estado - O senhor, com sua experiência, é um nome sempre lembrado para presidir o Congresso. Que tipo de colaboração pretende dar na articulação das forças de apoio ao novo governo?

Sarney - Olha, a primeira delas é torcer para que o novo governo tenha absoluto sucesso. No caso específico do Lula na Presidência, acho que só pelo fato de ele ser um homem que vem das camadas mais humildes, deve ter a torcida nacional e a colaboração nacional para que tudo dê certo. De minha parte, darei toda e qualquer colaboração. Já estou liberto de todas as seduções, das tentações da política.

Estado - O senhor está querendo dizer que a presença do Congresso não lhe seduz mais?

Sarney - O Congresso não me seduz, mas eu aceitarei presidir o Congresso para ajudar o presidente Lula, para ajudar o Brasil neste momento, se isso for do interesse do Senado e do País.

Estado - O senhor já conversou com seu partido sobre isso?

Sarney - Não conversei com ninguém. Tenho ouvido isso como sugestão de várias pessoas, e minha posição tem sido contrária.

Estado - Da última vez que foi convidado a se candidatar para a presidência do Congresso o senhor não aceitou...

Sarney - Até por unanimidade, eu recusei. Mas acho, agora, que a situação é outra. Creio que posso prestar um grande serviço, uma grande ajuda ao País e ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Estado - E o senhor acha que o PMDB concordaria com essa sua avaliação?

Sarney - O PMDB nunca falhou. Nos momentos deci-

vos o partido nunca falhou ao País. E tenho as melhores relações dentro do partido, com meus companheiros, e sempre tenho ouvido palavras de muito incentivo, de muito apoio e de muito respeito.

Estado - O senhor acha que, nessa empreitada, teria também o apoio do PFL?

Sarney - Acho que ainda é muito cedo para discutir esse assunto. E isso tem de passar invariavelmente pelo Senado, pelos senadores, pelo presidente e pelo interesse nacional.

Estado - O senhor tem conversado muito com o líder do PMDB no Senado, Renan Calheiros (AL), que sempre o escuta e consulta com muita reverência. Ele já conversou sobre presidência do Congresso com o senhor? Já esboçou apoio a sua candidatura?

Sarney - Nós nunca tratamos sobre esse problema de comando do Congresso, até porque ambos estávamos empenhados nas eleições estaduais.

Estado - Nessa construção da maioria parlamentar em apoio a um eventual governo petista, o senhor acha que Lula teria dificuldades para conseguir isso?

Sarney - O Lula tem larga experiência de diálogo. E acredito que ninguém que seja bem intencionado possa se recusar a ajudar o País neste momento, quando o Brasil se encontra em tantas dificuldades. É bom lembrar que devemos a seu equilíbrio o fato de termos tido uma sucessão tranqüila, na qual ele ultrapassou todas as dificuldades, soube construir suas alianças, dosou e soube conter os radicalismos.

Estado - O que o senhor diria para aqueles que durante toda a campanha entoaram o coro de que Lula no poder seria o risco da volta da hiperinflação, inclusive citando seu governo como exemplo? Que relação o senhor faz entre o cenário econômico de hoje e aquele do fim do seu governo?

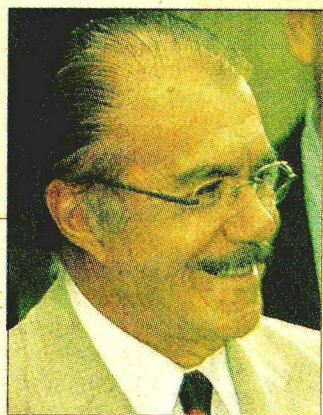
Sarney - O único dado que teve no período da transição do meu mandato foi o dado inflacionário. Todos os outros números eram muito melhores do que os da economia brasileira atual. A taxa de desemprego era menor; nossa balança comercial nos colocava em terceiro lugar em volume de exportação, atrás apenas da Alemanha e do Japão; tínhamos um estoque de gêneros reguladores de 17 milhões de toneladas, a maior safra agrícola. E a inflação que tivemos no fim já não era mais minha, mas da expectativa do futuro governo. E depois não se pode comparar uma inflação com correção monetária e sem. Hoje, por exemplo, temos uma inflação de 8% sem nenhuma correção de salários há muitos anos. Tínhamos a correção mensal dos salários. Se a inflação era de 40%, os salários eram corrigidos em 40%. Muito mais danoso para o povo hoje é uma inflação que teoricamente é mais baixa, mas, na prática, revela-se mais alta porque não tem correção. E a inflação em dólar no meu tempo também era bem menor do que a de hoje.

Estado - Mas o senhor não vê o risco de, em caso de vitória, o Lula enfrentar uma pressão grande demais por aumento salarial, tanto no caso do novo salário mínimo e logo em seguida com o funcionalismo público, que está sem reajuste este tempo todo?

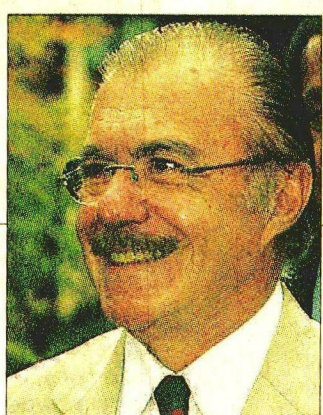
Sarney - Eu acho que o Lula terá dificuldades, mas ele também tem experiência dos dois lados do rio, como operário que desejava salários mais altos e de homem preocupado com as contas públicas.

Estado - É uma aposta no bom senso de Lula para tomar as melhores decisões?

Sarney - Ele tomará as melhores decisões, sim. Quem estiver apostando na incompetência dele é que vai perder, porque ele tem mostrado que tem capacidade de liderança e uma sagacidade que asseguram que ele vai ter condições de tomar as melhores decisões para o País. Esse terrorismo que é feito não corresponde à realidade.



Já recusei o convite para presidir o Congresso, mas agora acho que possa prestar um grande serviço ao presidente Lula e ao País



Ninguém na nossa história assumiu o poder diante de tantos transtornos e num momento tão difícil quanto eu assumi